

# LITERATURA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM ÊNFASE NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

## LITERATURA: CUENTA CUENTOS CON ÊNFAISIS EN LA CULTURA AFRO BRASILEÑA

*Liane Maria Gonçalves Franco*<sup>1</sup>

*Luciane Foletto Olivo*<sup>2</sup>

*Sandra de Oliveira Ferreira*<sup>3</sup>

*Alai Garcia Diniz*<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo é resultante do trabalho desenvolvido pela equipe multidisciplinar da Escola Estadual Olavo Bilac em Medianeira (PR), com assessoria da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), a qual ofereceu, em parceria com o Núcleo Regional de Educação, o Curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-Raciais. Na programação do referido curso, foram promovidos debates e analisados conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. O objetivo foi destacar a importância da leitura e da oralidade para transmissão dos conhecimentos — historicamente construídos — da cultura afro-brasileira e, principalmente, focar o uso deste conhecimento como instrumento de mudança de mentalidade, de elevação da auto-estima e de reconhecimento de uma matriz referencial por parte dos afrodescendentes que, embora tenham contribuído substancialmente para a formação da “comunidade imaginada” chamada Brasil, não obtiveram até hoje tratamento igualitário no que se refere aos direitos humanos e à cidadania. Trata-se de um projeto que busca promover a leitura, motivando os alunos a despertar o gosto pelos livros, uma vez que quem adquire o hábito de ler pode ampliar seus conhecimentos. No entanto, como a leitura em sua fase inicial talvez não seja suficiente para a assimilação de conhecimento, muitas vezes torna-se necessária a utilização de métodos lúdicos e coletivos para despertar o leitor que há na criança. Ademais, no Brasil, o livro não serviu para democratizar o acesso aos bens culturais, conforme observa Jesús Martín-Barbero (1989) que afirma que, na América Latina, esse papel de difusor massivo e democrático coube aos meios audiovisuais. Com base nisso, relacionamos a oralidade africana e a identidade afro-brasileira, a partir dos contos *Menina bonita do laço de fita* (2004),

- <sup>1</sup> Professora e pedagoga, atua na Escola Estadual Olavo Bilac, em Medianeira (PR). Formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, é pós-graduada em Psicopedagogia pela SOCIESC.
- <sup>2</sup> Professora e pedagoga, atua na Escola Estadual Olavo Bilac, em Medianeira (PR). Formada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).
- <sup>3</sup> Professora de Letras (português, espanhol e respectivas literaturas), possui pós-graduação em Literatura Brasileira pela Faculdade São Braz. Atua na Escola Estadual Olavo Bilac, em Medianeira (PR).
- <sup>4</sup> Doutora na Área de Literatura Hispânica e Hispano-americana (USP). Professora visitante Sênior/CAPES/UNILA(2011/2015) e atualmente professora visitante sênior na UNIOESTE/Cascavel.



de Ana Maria Machado, e *As tranças de Bintou* (2010), de Sylviane A. Diouf, como estratégia de ensino de literatura e os vinculamos ao universo africano, pois verificou-se que os afrodescendentes ainda demonstram dificuldades para assumirem-se como tais e, com isso, manterem sua cultura viva. Em suma, busca-se, neste projeto, aprimorar o desempenho na prática pedagógica por uma leitura mais atraente aos alunos, levando em consideração a oralidade. Para esse estudo, foram consultados autores que exploram o tema e que apontam dinâmicas para trabalhá-lo em sala de aula. Com isso, acredita-se que o presente trabalho poderá contribuir com a prática docente para que favoreça a compreensão dos alunos no que se refere à cultura aqui abordada, já que os negros ainda são vistos por muitos de maneira negativa.

**Palavras-chave:** Leitura. Cultura Afro-Brasileira. Narrativa. Oralidade.

## RESUMEN

Este artículo es el resultado del trabajo desarrollado por el equipo multidisciplinario de la Escola Estadual Olavo Bilac de Medianeira-PR, asesorada por la UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) quien ofreció el Curso de Perfeccionamiento en Educación para las Relaciones Étnico Raciales, en conjunto con el Núcleo Regional de Educação(NRE) promovieron debates sobre tales temáticas y la inserción de contenidos relacionados con la historia y la cultura afro brasileña e indígena en el currículo escolar. El objetivo principal ha sido presentar la importancia de la lectura y de la oralidad para la transmisión de los conocimientos históricamente construidos de la cultura afro brasileña y principalmente su utilización como instrumento de cambio en la mentalidad y de aumento de la autoestima y el reconocimiento de una matriz referencial, que aunque ya ha contribuido mucho para la formación de la “comunidad imaginada” llamada Brasil, hasta hoy no ha obtenido tratamiento de igualdad en lo que se refiere a los derechos humanos y a la ciudadanía. Se trata de un proyecto que busca promover la lectura, motivando a los alumnos el gusto por los libros, una vez que se adquiriera el hábito de la lectura pueden ampliar sus conocimientos. Sin embargo, la lectura en sí, en este momento inicial, quizá no es lo suficiente para la asimilación de conocimientos. Por ello, muchas veces es necesario que se utilicen metodologías lúdicas y colectivas para despertar el lector que hay en los niños, pues en Brasil el libro no ha servido para democratizar el acceso a los bienes culturales, según lo observa Jesús Martín-Barbero (1989), quien admite que en América Latina ese papel difusor masivo y democrático lo tiene los medios audiovisuales. Relacionamos la oralidad africana y la identidad afro brasileña a partir de los cuentos: *Menina bonita do laço de fita* (2004) de Ana Maria Machado; *As tranças de Bintou* (2010) de Sylviane A. Diouf, como estrategia de enseñanza de literatura vinculados al universo africano, ya que se ha constatado en esta investigación que los afrodescendientes aún tienen dificultades para asumirlo y mantener viva su cultura. Para este estudio se han consultado autores que exploran tal temática y apuntan dinámicas para desarrollar este tema en las clases. Creemos que este trabajo podrá contribuir para la práctica docente, auxiliando la comprensión de los estudiantes en lo que se refiere a la cultura afro, ya que, infelizmente, los negros todavía son vistos por la mayoría de forma muy negativa. Por ello, se busca en este proyecto mejorar el desempeño de la práctica pedagógica a través de la lectura de forma más atractiva teniendo en cuenta la oralidad.

**Palabras clave:** Lectura. Cultura Afro-brasileña. Narrativa. Oralidad.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar relatos de experiências da valorização da cultura africana e afro-brasileira pautada pela Lei nº 10.639/03, que trata da obrigatoriedade de inclusão de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos da Educação Básica. Aprovada há mais de uma década, a lei tem como fim ressaltar a importância dessa herança cultural no ambiente escolar, como forma de combater a discriminação e o preconceito racial, ao mesmo tempo em que se valoriza a presença do negro na formação da nacionalidade.



A sociedade brasileira é formada por diferentes grupos étnico-raciais que a caracterizam como uma das mais ricas do mundo culturalmente. Em virtude disso, é importante que todas as pessoas envolvidas no ambiente escolar tenham clareza que a lei em questão busca promover a oportunidade aos educadores e educandos de rever conteúdos e posicionamentos sobre a cultura afro-brasileira presentes nos livros didáticos publicados até o momento, de forma a possibilitar criação de estratégias pedagógicas na elaboração dos conteúdos que abordam tais questões.

A literatura pode ser um caminho brilhante para se trabalhar, em sala de aula, as questões étnico-raciais de maneira dinâmica e prazerosa, pois além de levar aos alunos a riqueza de outra cultura, permite, ao mesmo tempo, um resgate de sua identidade que muitas vezes está camuflado por conta do preconceito.

Para uma melhor compreensão, o presente artigo terá dois eixos. O primeiro trata de contextualizar sobre a Escola Estadual Olavo Bilac, a qual possui um contingente significativo de afrodescendentes, como ficou comprovado em uma pesquisa que levantou o perfil étnico-racial dos alunos. O segundo passo é aprofundar o tema fazendo um recorte sobre dois contos: *Menina bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado e *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf.

Especificamente em relação ao primeiro eixo, destaca-se que o Colégio Olavo Bilac, situado no Bairro de São Cristóvão, é uma das oito escolas da rede estadual de ensino em Medianeira. Construído em 1996, oferece hoje o Ensino Fundamental e a Modalidade de Educação Especial, em dualidade administrativa com o Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos de Medianeira, município que se emancipou de Foz do Iguaçu em 1960 e que possui, atualmente, 44.885 habitantes, segundo dados do IBGE de 2015.

Ao primar pela utilização de estratégias de ensino que possam dinamizar o trabalho pedagógico de modo a encantar os alunos pela maneira de organizar e contextualizar os conteúdos, promovendo assim o conhecimento, o Colégio Estadual Olavo Bilac iniciou um trabalho específico referente à cultura afro-brasileira e africana por meio da formação da equipe multidisciplinar da instituição. Esta ação se deu em razão de os professores perceberem, no contato diário com os estudantes, em sala de aula, atitudes de preconceito e discriminação por parte de alguns alunos, os quais acabavam ofendendo uns aos outros. Buscar uma solução para resolver esse problema era uma ansiedade da equipe, visto que a cultura africana, embora ainda pouco reconhecida, possui particularidades que contribuíram na formação geral da cultura brasileira. Além disso, os professores, como educadores, jamais podem aceitar atitudes preconceituosas dentro da escola. Concernente a esse tema, Paulo Freire aborda:

[...] qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é dever por mais que reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. O combate ao racismo e ao preconceito deve acontecer constantemente nos ambientes escolares, pois a escola é um ambiente que promove reflexão e visa formar cidadãos que respeite a diversidade étnico-racial (FREIRE, 1999, p. 69).

Tendo como referência o escrito pelo autor, a equipe multidisciplinar pensou em um projeto que valorizasse a cultura afro-brasileira e africana e



promovesse nos alunos o reconhecimento de suas riquezas pois, a partir desse reconhecimento, estes poderiam perceber e compreender que esta cultura está presente em nossa escola e na sociedade na qual estamos inseridos.

O projeto partiu do tema “Preconceito, racismo, indiferença? Eu não compartilho e você?”, compreendendo que o professor pode ensinar seus alunos a conviver em sociedade, no que tange as questões como dignidade, respeito e ausência de preconceito.

Para isso, foi criado um cartaz, ilustrado pelas secretárias da escola, exposto durante o ano todo. Neste período, observou-se que os alunos liam e se sentiam incomodados. Diante dessa situação, a escola fez uma pesquisa para saber quantos estudantes se assumiriam negros.

Nesse primeiro momento, não houve nenhum negro declarado, pois os afrodescendentes assumiram-se como pardos. Porém, percebeu-se que eram negros, mas tinham vergonha de se assumir assim por conta de seu processo histórico, como se constatou na declaração de um aluno: “Professora, eu não sou negro. Não sou escravo”.

O projeto evoluiu com a elaboração de diversas atividades coletivas e individuais com os alunos. Uma delas foi a apresentação do filme *O xadrez das cores*<sup>5</sup>, de Marco Schiavon, exibido a todas as turmas em horários diferenciados. A atividade teve como finalidade a observação do comportamento dos estudantes, já que no enredo há uma personagem branca (patroa) que se considera extremamente superior à negra (empregada).

Percebeu-se que, enquanto assistiam ao filme, os alunos se sentiam incomodados com as atitudes das personagens. Ao final, notaram que tanto a negra como a branca eram importantes e deveriam se respeitar mutuamente. O próximo passo foi trabalhar os contos, citados no início deste trabalho, pois, atualmente, tem sido um desafio da escola conseguir que o estudante abra um livro. Isso não quer dizer que o aluno não leia. Na maioria das vezes, significa que suas leituras não se fundamentam concretamente em experiências e, por esta razão, ele se torna incapaz de relacioná-las à vida cotidiana.

Cabe ao professor, como mediador, criar estratégias de ensino para que esse aluno passe a se interessar mais por uma leitura qualificada, inclusive sobre outras culturas, a fim de ampliar seus conhecimentos por meio do outro. Neste sentido, a contação de histórias pode ser uma forma de incentivar esta leitura mais aprofundada.

Em função disso, a Escola Olavo Bilac, junto a sua equipe multidisciplinar, observou a necessidade de projetos que promovessem ações docentes que enriquecessem o trabalho pedagógico. Seguindo o escrito por Nelly Novaes Coelho, conclui-se que a prática de contação de história não devia acontecer esporadicamente — “contar por contar” —, mas como um recurso pedagógico, utilizado com frequência:

[...] não podemos esquecer que, sem estarmos motivados para a descoberta, nenhuma informação, por mais completa e importante que seja, conseguirá nos interessar ou será retida em nossa memória. Ora, se isso acontece conosco, adultos conscientes do valor das informações, como não acontecerá com as crianças? (COELHO, 2000, p. 48).

<sup>5</sup> Para assistir ao filme completo, acesse <<https://www.youtube.com/watch?v=IbrY4p-nrdk>>.



Para a autora, a estimulação e a motivação são fatores que contribuem para explorar a imaginação e permitem entender desde temas simples até os mais complexos por meio do lúdico e da intertextualidade inerente nos textos contemporâneos. Por essa razão, é interessante que o professor leia, conte as histórias, sugira cenas, jogos e dramatizações com os estudantes para que o grupo, de forma prazerosa, recrie com o corpo o que ouve e, assim, cultive o hábito de pensar, atuar e opinar sobre o que escuta e lê.

Zumthor (2000) considera a intertextualidade e a intervocalidade elementos importantes no resgate de memórias e contrasta o texto escrito ao falado, que é atualizado no instante de uma leitura corporificada: o que implicaria em *movência*. A variação que o intérprete dá ao que lê nunca se repete.

A intertextualidade não é apenas o texto escrito, mas também a presença de uma voz que “fura” o discurso e atualiza a obra. Assim, o texto já não é o mesmo quando ocorre a interação entre emissor e receptor em presença, o que Zumthor denomina *performance* (ZUMTHOR, 2000, p. 87). Este resgate de memória coletiva é caracterizado pelo saber de um povo, suas regras de convívio, suas crenças e seus receios.

O autor deixa claro em seu discurso que havendo encenação também há o envolvimento do leitor não-especializado na emoção da leitura. Compreende-se, assim, a importância da oralidade, pois os movimentos do narrador ao contar uma história lançam matéria significativa que encanta o ouvinte, o qual, com esse encanto, passa também a se movimentar. No entendimento de Cleo Busatto:

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias (BUSATTO, 2003 p. 9-10).

A contação de histórias permite a interação entre contador e ouvintes e, dessa forma, os alunos deixam a imaginação fluir e vão sendo levados pelo texto. Quando a performance acontece, o receptor aprende ludicamente.

É por meio do lúdico que o interlocutor passa a refletir sobre a palavra, a expressão e o movimento do corpo. Na maioria das vezes relaciona as histórias com práticas cotidianas e as têm como referência para planejar suas ações.

## 2 A ARTE VERBAL DO CONTO

No Ocidente e no Oriente, denomina-se conto o relato breve de um fato imaginário. A participação de um reduzido número de personagens no espaço e tempo imaginados poderia ser definida como parte intrínseca dos elementos dessa forma literária que tem ainda, como parte fundamental, o papel do enunciador. Os primeiros contos foram transmitidos pela oralidade e isso não ocorria somente na cultura africana. Inicialmente, dizia-se que este tipo de narrativa teria apenas um foco temático.

Entretanto, na modernidade, o entrelaçamento de focos pode ser um traço a ser considerado na transformação desse gênero literário. Sua finalidade



é provocar no receptor alguma reação emocional. Porém, neste artigo, o que interessa é ressaltar a oralidade típica do relato breve, característica vigente antes da descoberta da tipografia, a qual, após ser criada por Gutenberg, no século XV, revolucionou a escrita.

Devido ao alcance das publicações, ao comércio de livros e às traduções, criou-se, então, uma hegemonia europeia no mercado literário, pautada pelos mitos, lendas e tradições locais. Fora dos grandes centros, porém, o acesso da população a esse mercado era bastante restrito, em consonância com a restritiva educação da época, proporcionada apenas à elite. Por muitos séculos ainda se fizeram ouvir, nos mais recônditos cantos do globo, a voz que narrava em tom alto a um grupo que ainda não podia decodificar a escrita por não ter tido acesso à escola.

No Brasil, houve a sobrevivência de gêneros narrativos orais, como a literatura de cordel, no Nordeste; a *payada*, no Sul e os “causos” em grande parte das populações rurais, além de outros gêneros líricos, como a disputa e o repente nordestinos. Isso sem falar no *rap* que, entre a música e o recitativo, empolga atualmente uma grande parcela da juventude, com a criatividade, contundência e potência de seus versos. Esta foi a herança que a tradição popular deixou no imaginário coletivo, não só do Brasil, como na América Latina, na Península Ibérica e, como não poderia deixar de ser, na África.

## 2.1 O GRIOT NA MEMÓRIA DOS RELATOS ORAIS E O PIONEIRISMO DE CÂMARA CASCUDO

Em uma entrevista no ano de 2007, Oswaldo de Camargo, escritor negro, disse a Mario Augusto Medeiros da Silva que “os negros têm um péssimo hábito: morrem cedo e não deixam memórias” (CAMARGO, 2015, p. 11).

Talvez não apenas por isto, a literatura afro-brasileira tem buscado resgatar, por meio dos contos, a memória esquecida. Neste caso, trata-se da história que os livros não registraram. Há uma arte de contar histórias que vem dos *griots* africanos, fundamentada em uma cultura oral em que a voz, a canção e outras riquezas da sonoridade tomam corpo na voz daquele que repassa uma prática ancestral. Esta técnica faz parte de um repertório corporal de oralidade transmitido de geração a geração que, como tal, não se repassa pelos livros.

*Griot* é o nome que recebem na África os músicos ou “contadores de histórias”. Em geral, estes possuem uma função especial: narrar as tradições e os acontecimentos de um povo, a fim de manter seus costumes, suas práticas orais e culturais. Os *griots* sobrevivem na África Ocidental, incluindo o Mali, Gâmbia, Guiné e o Senegal. Transmitindo o que sabem da memória, eles acumulam séculos e mais séculos de crenças, costumes, lendas, contos e lições de sabedoria.

Outro personagem importante é o *Doma*, nobre contador de histórias, aquele que tem o papel de criar harmonia, de colocar ordem no ambiente, na audiência e em reuniões da comunidade.

Para manter essa cultura ancestral, alguém que a tenha vivido repassa às demais gerações. Além de narrar, o *griot* também canta e, muitas vezes, as histórias são cantadas com base na oralidade.



Jornalista, historiador e advogado, o folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo (1898–1986) cumpriu a função de manter viva esta prática ancestral. Pioneiro nas pesquisas das fontes orais no Brasil, assumiu a responsabilidade de repassar a seus conterrâneos os conhecimentos sobre contos, poemas, canções, desafios e danças, tornando-se o agente de ligação entre o passado e o presente.

O autor se destacou por colher, registrar e refletir sobre a cultura e a identidade regional, em especial do Nordeste brasileiro, mostrando as manifestações de maneira minuciosa por meio dos cordéis, coco de roda e frevos. Tradições que revelam um domínio híbrido entre as culturas africanas, indígenas e lusitanas. O folclorista trouxe à tona a cultura popular, a fim de refletir sobre a formação do Nordeste, que mostra diferentes raízes simbólicas.

## 2.2 A EXPERIÊNCIA DE CONTAR AS TRANÇAS DE BINTOU E MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

A experiência do projeto de contação de histórias na Escola Estadual Olavo Bilac, no município de Medianeira, Paraná, pretendeu relacionar a oralidade africana e a identidade afro-brasileira a partir de contos. Esta relação foi utilizada como estratégia de ensino de literatura, vinculando o conteúdo curricular ao universo africano, pois se observa que é necessário construir um longo processo de desmistificação para que a cultura afro-brasileira se mantenha viva nas futuras gerações. Para tanto, considerando que esse projeto caracteriza-se como um passo para disseminação desses saberes ancestrais, a experiência adotou as obras *Menina bonita do laço de fita* (2004), de Ana Maria Machado, e *As tranças de Bintou* (2010), de Sylviane A. Diouf, a seguir descritas.

Sylviane A. Diouf escreveu *As tranças de Bintou* depois de estudar sobre a cultura africana, o que a levou a perceber a necessidade de repassar determinados conhecimentos aos professores, pois, para a autora, este deve estar preparado para trabalhar com situações que envolvam o preconceito. Caso contrário, corre-se o risco de possibilitar o desenvolvimento de posturas racistas, se não souber lidar com a diversidade. Diariamente, na escola e na sociedade, observam-se situações preconceituosas, como apelidos pejorativos, comentários racistas e ações muitas vezes humilhantes. A autora defende que, nestes momentos, cabe ao professor intervir, orientando e problematizando este tipo de conduta e não simplesmente naturalizando a situação, pois, se assim o fizer, reforçará o preconceito.

A história tem como protagonista uma menina, Bintou, que sonhava em ter tranças e se livrar dos pequenos cachinhos no cabelo, chamados birotos. Ela não gostava de seus cabelos e sonhava que os passarinhos faziam ninho neles. Em contrapartida, admirava as longas tranças de sua irmã — que já as utilizava por ter a idade para tal — e vivia sonhando com elas, pois ainda não sabia reconhecer a diversidade cultural dos afrodescendentes.

Um dia sua avó, Soukeye, conta a ela uma história e explica por que as crianças da aldeia não usam tranças. Bintou fica mais conformada com as



explicações. A avó passa óleo perfumado em seus cabelos, faz birotos e os enfeita com laços e pássaros amarelos e azuis, e quando a menina olha no espelho se acha muito bonita. A história de Bintou serve para destacar um dos problemas raciais que Nilma Lino Gomes aponta:

As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. Mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a interjeição do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória (GOMES, 2003, p. 167).

A história possibilita o resgate da identidade negra, entendida no contexto deste trabalho como um processo construído historicamente em uma sociedade que ainda sofre discriminação. A menina não gostava de seus cabelos, mas a avó arrumou estratégias para fazer com que passasse a amá-lo.

Já o conto *Menina bonita do laço de fita* traz um tema interessante para trabalhar a diversidade e a inclusão do negro. O próprio título já demonstra um encantamento que valoriza a imagem da menina negra. Observa-se que o coelho, um dos personagens, que é branco, vê a menina negra com uma beleza incomparável a sua, e, em virtude disso, tenta apagar sua identidade. A obra foi pensada exatamente para possibilitar outra perspectiva. Ou seja, não racionalizada a partir da história de uma menina, que possui beleza na diferença, como qualquer outra.

Os relatos poderão contribuir para a compreensão do fenótipo diferenciado de uma etnia que, tendo sido sacrificada historicamente, necessita se impor em sua diferença e tornar-se motivo de brio, orgulho e resistência histórica para as gerações que a herdaram. Tanto o cabelo crespo como o corpo negro fazem parte de um conjunto que mostra a construção social, cultural, política e ideológica dos afrodescendentes. Ione Jovino aborda o fato de que o protagonismo branco ou mestiço nas imagens e representações mistifica um tipo de beleza cujo estereótipo reforça um determinado grupo étnico e contribui para reforçar preconceitos e conflitos raciais (JOVINO, 2006, p. 38).

A escola é um ambiente social em que a criança tem contato com outros grupos e objetos de conhecimento além daqueles que são vivenciados no espaço com a família. Por esse motivo, as histórias que incluem culturas, etnias e seres diferentes possibilitam ampliar o repertório dos conhecimentos e promovem a releitura do ambiente em que se está inserido.

As histórias utilizadas para esse trabalho foram contadas oralmente — de forma dramatizada — em dias alternados, para as turmas do 6º ano. Após a apresentação, sempre eram levantados questionamentos que problematizavam a história.

Ao longo do trabalho, os alunos receberam um questionário com algumas perguntas a fim de verificar se já haviam sofrido algum tipo de discriminação. Embora o foco da pesquisa não fosse quantitativo, ficaram comprovados alguns casos de discriminação pela cor da pele e pelo cabelo. Diante desses resultados, deu-se continuidade à atividade, com as histórias sendo recontadas e dramatizadas pelos alunos.

As turmas foram divididas em grupos e cada um criou uma forma de expressar a valorização da cultura afro-brasileira com base nas histórias,



promovendo uma relação de intertextualidade. Outra atividade proposta foi que os próprios alunos criassem suas histórias e as apresentassem para a sala.

O trabalho teve a participação de todos na escola, pois cada um contribuiu de maneira significativa, envolvendo-se coletivamente na realização das atividades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu investigar, por meio de um projeto de contação de histórias, o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira por parte dos alunos da Escola Estadual Olavo Bilac. Para isso, foram utilizadas as obras *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf, as quais apresentam abordagens importantes que contribuem de maneira significativa à construção da identidade do negro em nosso país.

Atualmente, a sociedade demonstra pouco prazer pela leitura. Os livros passaram a ser vistos como objetos ultrapassados devido ao uso cada vez maior das tecnologias. No entanto, ouvir histórias pode, na realidade, ser um ato prazeroso a ser desenvolvido coletivamente em classe. Em virtude disso, trabalhá-las por meio da oralidade pode ser outra técnica a ser cultivada para motivar a criança no hábito de ler. Contar histórias permite ainda, ao ouvinte, construir sua própria narrativa.

No caso específico das duas obras buscou-se propor ao aluno uma reflexão sobre seu papel na sociedade, levando em consideração os valores étnico-raciais e compreendendo que conceito de raça, cor e preconceito são construídos socialmente. Posteriormente à realização deste trabalho em sala de aula, percebeu-se que os estudantes discriminados passaram a se sentir mais integrados em seu meio. Quem participou do projeto aprendeu que na escola se constrói uma identidade positiva e a discriminação e o preconceito precisam ser combatidos diariamente.

Outro resultado obtido foi perceber o ambiente escolar como um espaço de formação social e, por esta razão, é importante compreender que o diferente não representa o contrário da beleza, e sim a variedade de modelos culturais que constituem a humanidade.

### REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília, outubro de 2004.
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativas de população 2015*. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2015/estimativa\\_dou\\_2015\\_20150915.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_dou_2015_20150915.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2014.
- BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CAMARGO, Oswaldo de. *Raiz de um negro brasileiro: esboço autobiográfico*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.
- CASCUDO, Luís da Câmara. A função dos arquivos. *Revista do Arquivo Público*, Recife, ano 7-10, n. 9-12, 1952-1956.



\_\_\_\_\_. *História da alimentação no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DIOUF, A. Sylviane. *As tranças de Bintou*. Tradução Charles Cosac. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, 2003.

JOVINO, I. da S. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, F.; LIMA, M. N. (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.